

E o Oscar vai para...



O crítico João Batista de Brito confessou que nenhum dos filmes indicados lhe chamou muito a atenção

Cerimônia de entrega das estatuetas ocorre hoje, nos Estados Unidos

Lucas Silva
Especial para A União

Apresentado este ano pelo anfitrião e comediante Chris Rock, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas realiza hoje, a 88ª cerimônia de entrega do Oscar, que será realizada no Teatro Dolby, em Los Angeles, Califórnia, em transmissão ao vivo pela emissora de televisão estadunidense ABC. No Brasil, os amantes do cinema poderão acompanhar a transmissão pela Rede Globo e pelo canal fechado TNT.

Com o filme "O Menino e o Mundo", dirigido por Alê Abreu, o Brasil disputa com mais quatro animações na categoria melhor filme de animação este ano. A história do longa é contada através de um garoto que mora com o pai e a mãe, em uma pequena casa no campo.

Diante da falta de trabalho, no entanto, o pai abandona o lar e parte para a cidade grande. Triste e desorientado, o menino faz as malas, pega o trem e vai descobrir o novo mundo em que seu pai mora. Para a sua surpresa, a criança encontra uma sociedade marcada pela pobreza, exploração de trabalhadores e falta de perspectivas.

Por outro lado, um grande concorrente para nossa produção brasileira é o filme "Divertida mente", que é uma animação estadunidense de 2015 produzido pela Pixar Animation Studios e lançado pela Walt Disney Pictures.

Dirigido e co-escrito por Pete Docter, o filme se passa na mente de uma menina, Riley Andersen (Kaitlyn Dias), onde cinco emoções — Alegria (Amy Poehler), Tristeza (Phyllis Smith), Medo (Bill Hader), Raiva (Lewis Black) e Nojinho (Mindy Kaling) —, tentam conduzir sua vida quando ela se muda com seus pais (Diane Lane e Kyle MacLachlan) para uma nova cidade.

Segundo o secretário-geral da Academia Paraibana de Cinema, Alex Santos, o Brasil tenta desde os anos setenta uma premiação e não consegue levar a estatueta para casa. "A única vez que fomos agraciados com a famosa estatueta, como dizem alguns historiadores do cinema, foi na produção italo-franco-brasileira chamada de Orfeu Negro, cujo trama se passa durante o Carnaval carioca, filme dirigido pelo francês Marcel Camus. Mesmo assim, o Oscar foi dado à França e não ao Brasil", completou.

Além da categoria animação, o foco da premiação se volta também para os oito indicados a melhor filme. Entre as obras cinematográficas podemos destacar "A Grande Aposta", "Ponte de Espiões", "Brooklyn", "Mad Max - Estrada da Fúria", "Perdido em Marte", "O Regresso", "O Quarto de Jack" e "Segredos Revelados".

Para o crítico paraibano de cinema e li-

teratura João Batista de Brito, nenhum dos filmes indicados na categoria melhor filme lhe chamou a atenção. "Eu gostei de A Garota Dinamarquesa, mas achei que ele estava voltado apenas para o ator. Já o Quarto de Jack me impressionou um pouco e achei um filme interessante, porque ele me remeteu a uma série de filmes já produzidos na década de 50 e a um fato que ocorreu no bairro de Jaguaribe, aqui na capital", completou João Batista de Brito.

João Batista disse ainda que, embora o filme não esteja na categoria de melhor filme, mas quem gostou, foi Carol. Porque a temática tratada no filme envolve os anos 50 e tem uma representação perfeita da temporalidade, além de ser interpretado por Cate Blanchett.

Veja lista dos indicados nas principais categorias

Melhor filme

- "A Grande Aposta"
- "Ponte dos Espiões"
- "Brooklyn"
- "Mad Max: Estrada da Fúria"
- "Perdido em Marte"
- "O Regresso"
- "O Quarto de Jack"
- "Spotlight: Segredos Revelados"

Melhor diretor

- Alejandro G. Iñárritu ("O Regresso")
- Tom McCarthy ("Spotlight: Segredos Revelados")
- George Miller ("Mad Max: Estrada da Fúria")
- Adam McKay ("A Grande Aposta")
- Lenny Abrahamson ("O Quarto de Jack")

Melhor ator

- Bryan Cranston ("Trumbo")
- Matt Damon ("Perdido em Marte")
- Leonardo DiCaprio ("O Regresso")
- Michael Fassbender ("Steve Jobs")
- Eddie Redmayne ("A garota dinamarquesa")

Melhor atriz

- Cate Blanchett ("Carol")
- Brie Larson ("O Quarto de Jack")
- Jennifer Lawrence ("Joy")
- Charlotte Rampling ("45 anos")
- Saoirse Ronan ("Brooklyn")

Melhor animação

- "Anomalisa"
- "O Menino e o Mundo"
- "Divertidamente"
- "Shaun, o carneiro"
- "As Memórias de Marnie"



Cena de O Menino e o Mundo, único representante do Brasil, que concorre na categoria de Melhor Animação

Mad Max: Estrada da Fúria é considerado um dos fortes concorrentes no páreo pela estatueta de Melhor Filme

Leonardo DiCaprio, que disputa como Melhor Ator, em O Regresso, outro filme concorrente

CINEMA

Alex Santos enfoca a óbvia afinidade entre o verbo e a imagem

PÁGINA 23



LITERATURA

Premiado escritor Evandro Affonso Ferreira comenta nova obra

PÁGINA 24



Artigo

Estevam Dedalus Filósofo

Eu e a ciência

Quando criança eu tinha verdadeira fascinação pela ciência. Meu pai se via periodicamente forçado a comprar revistas e enciclopédias científicas. Essas publicações ganhavam edições inéditas todo mês, que eram vendidas em bancas de jornal. Cada novo exemplar me deixava exultante. Lembro que entre as leituras mais prazerosas estavam os temas de história natural e astronomia. Tinha também admiração pela literatura de Júlio Verne. Passei rapidamente a colecionar réplicas de fósseis de dinossauros e a estudar mapas celestiais. As visitas quase semanais ao meu avô renderam noites inesquecíveis de observações astronômicas. Catalogávamos estrelas. Nomeei quase uma centúria delas. Às vezes bisbilhotávamos a vizinhança com nosso telescópio, mas sempre que nos flagravam dizíamos que se tratava de observação científica de muito valor – assim como fazem os antropólogos quando acusados de fofoqueiros. Era bastante divertido.

Acho que cresceu aí minha atração pela ciência. Com o passar dos anos meus interesses mudaram radicalmente. Aumentou a simpatia com os estudos sociais e políticos. Descobri a Filosofia. Fiquei encantado. Não demorou muito para surgir uma curiosidade especial por questões relativas à teoria do conhecimento. Isto contribuiu para a formação de um sujeito cético e racionalista, impossibilitado de aceitar qualquer argumento sem provas convincentes. As questões relativas à objetividade do conhecimento são de grande importância não só para a ciência, mas também para a vida humana. Já dizia Sócrates: “as pessoas agem de acordo com o que acreditam ser a verdade”. Mas não significa que saibam o que ela é. O verdadeiro conhecimento seria assim um caminho para a virtude.

O problema é que nunca estamos convencidos plenamente se conhecemos a verdade ou se possuímos apenas uma simples opinião sobre as coisas. Apesar das incertezas, somos obrigados a tomar decisões a todo o momento com base em nossas crenças. Imaginemos que, caminhando por uma rua movimentada, meneamos a cabeça em direção à calçada da outra margem. De acordo com a perspectiva, veremos pequenos transeuntes, quase minúsculos, desfilar seus corpos sobre o concreto. Dependendo da intensidade e da incidência da luz, confundiremos as cores. Um ho-

mem, normalmente branco, parecerá azul, e as dificuldades apenas aumentarão se o observador sofrer de icterícia ou discromatopsia. São situações diárias, comuns a qualquer pessoa. Mas, em geral, para nossa felicidade, essas ilusões não provocam pânico coletivo.

Na vida prática as encaramos com naturalidade. O filósofo vienense, Paul Feyerabend, achava que esse fato exprimiria tacitamente a crença coletiva na existência de impressões falsas e verdadeiras. A ciência desfruta de relevante prestígio nas sociedades contemporâneas. Não é à toa. Seus efeitos podem ser sentidos em praticamente todos os setores da vida humana. Apesar de terríveis invenções, como as armas de destruição em massa, ou ter se demonstrado impotente diante da cura de certas doenças, bilhões de pessoas dependem diariamente das criações científicas.

Não há, porém, uma grande cidade no mundo atual que prescindir de sistema de abastecimento de água e energia, de hospitais, transportes a motor, indústrias, computadores, meios de comunicação em massa, aeroportos... Os indivíduos se veem sob uma esmagadora sensação de dependência à ciência e às organizações que distribuem tais conhecimentos e invenções. Além desses efeitos resultantes da técnica, existem outros de natureza ética e intelectual. Algumas descobertas científicas implicaram na destruição de certezas antes basilares. À medida que a ciência se desenvolvia, decaía a superioridade atribuída ao homem pelos sistemas metafísicos. A nova astronomia e a nova física mudaram a posição do homem no universo.

Darwin ofereceu-nos uma explicação inovadora sobre o surgimento da vida, mas sem o glamour de certas cosmologias religiosas. Freud abriu novos caminhos para o entendimento da mente humana, descendo aos porões do inconsciente. As ciências sociais atingiram em cheio as nossas crenças em valores absolutos e a superestimação da autonomia dos indivíduos frente aos sistemas sociais.

Vejo como imprescindível um olhar crítico para a ascensão da ciência, caso pretendemos compreender o mundo moderno.



Crônica

Kubitschek Pinheiro kubipinheiro@yahoo.com.br

Não creio em bruxas, pero...

É verdade, as bruxas continuam soltas e não tem quem prenda. Nos sinais vermelhos elas filmam e são filmadas. E não são o avesso, do avesso. Talvez uma buena dicha louca. Aliás, elas naos fritam, nos enrolam, mas não creio que sejam capazes de ir além dos deuses da chuva.

Conheço uma que cultiva arruda e pimenteira e usa material de limpeza lavanda mão não passa embaixo de escada, gosta de começar projetos na lua nova, corta o cabelo na cheia, não abre porta de casa alheia, aromatiza a sua com incensos de cravo, canela e adoçante e jamais usa palito de fósforo usado no ouvido. Que perigo! Essas coisas que nenhuma bruxa que se preza faz e desfaz.

Costumo não presentear pessoas queridas com lenços gravatas ou perfumes, não que eu seja um bruxo velho, mas desconfio de olho grande quando tem muita remela e larga as más energias no mar (na falta de sal grosso), mas o que isso tem a ver comigo escravo da alegria? Abracadabra.

Quando volto da feira da Torre desato todos os nós - de sacolas de supermercado inclusive -, mantenho uma carranca erótica presente da amiga Marieme Vasconcelos no oitão e um espelho na porta da frente, um mensageiro dos ventos herança de WP e um prisma e um elefante (de sândalo) na sala, um apanhador de sonhos na janela do quarto.

Não, não durmo com os pés pra fora da cama nem com portas de armários abertas, se derrubo sal jogo açúcar em cima, cuido pra ninguém varrer meus pés, não coloco bolsa no chão e mais uma série de “manias” que já faço no automático. Ou não.



Às vezes fecho a casa e acho que não fechei e volto só para conferir que eu tinha fechado. Rezo antes de dormir, peço proteção a São Bento e peço as almas do outro mundo que tomem conta dos mendigos da cidade. De manhã cedo canto sozinho no carro e quando estou bebendo não jogo um gole para o santo, porque o santo sou eu.

Sei lá, quero sempre contar que viver é melhor que sonhar, mas se eu não sonhar esqueço das coisas que aprendi nos discos, aliás, eu sei de um bruxo que mora lá perto da estátua de Iemanjá, mas o sinal está fechado e preciso voltar ao quadro da memória, que é estranho e não sai da parede da varanda da minha casa. Lembra de mim? Sempre pergunto a mim mesmo.

Eu fico ouvindo tudo, nem um pouco interessado nos métodos usados pela bruxaria, sei lá, mas por causa disso ou daquilo, corro atrás e não consigo ficar parado.

Estou sempre de olho nas refeições de bandeja, sei que ali está adrenalina e outras vezes creio que algumas bruxas são verdadeiros tubarões voadores seguindo a trilha de Arrigo Barnabê. Paciência, hoje não estou lhe esperando no portão.

Geralmente, acho tudo isso uma bobagem: eu que queria matar as teorias ou mantê-las longe do meu oceano, mas fico aqui, pensando, de barriga cheia de tudo e ouvindo de Djavan... sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar.

Adoro vaquinhas simpáticas, adoro gente, adoro um sorriso pontual, adoro preliminares e afinal não é todo dia que a gente consegue ser o último romântico. Ou pelo menos no final de semana e esquece aquele papo de bruxas, que na verdade, mesmo com toda Brahma, com toda lama, a gente vai levando.

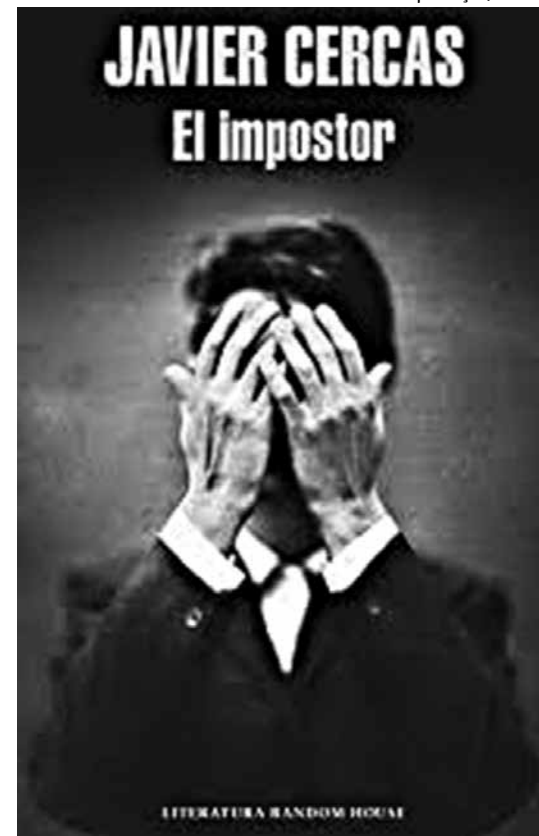
Kapetadas

- 1 - Eu não sei desamar uma pessoa.
- 2 - Vocês estão sentindo cheiro de instabilidade no ar?
- 3 - Acabo de ser assaltada por uma dúvida a fdp me levou uma certeza.
- 4 - A operação “Pimenta no Acarajé dos Outros é Refresco” está bombando.
- 5 - Aquele abraço para Joaquin Mendes, no editor de **A União**.
- 6 - O problema não são os painéis são as panelinhas.
- 7 - Som na caixa: “Em março vou pro meu Cerá a benção do meu orixá, eu acho bauxita por lá”, Chico B

André Ricardo Aguiar

Escritor - diariodebordo@gmail.com

FOTOS: Reprodução/Internet



O Impostor

Imagine a seguinte história: um contumaz mentiroso, mas ainda não desmascarado, forja todo um passado para si. Uma mentira elaborada, fantasiosa, cheia de bravatas, de um fracassado na história que quer o holofote. A impostura leva a uma enganação. Todos são enganados. Não um dia, uma semana, um mês. São anos, muitos, para toda uma comunidade, depois o País, depois o mundo. Como se pegasse o livro de sua vida e fizesse correções. Um biógrafo do falso. Tempos depois, com investigação de um historiador, a farsa cai por terra. Mas ele justifica tudo. Porque é um narcisista a todo custo.

Estamos falando de Enric Marco, espanhol que nasceu em uma data imprecisa, 1920 ou 1921, e ficou conhecido como um dos sobreviventes do Holocausto, sustentando memórias de sua passagem no campo de concentração. Acabou por ser o representante da memória judaica, divulgador dos horrores nazistas, sendo condecorado com homenagens e honrarias. Tudo falso. Quem conta esta história fantástica é o escritor Javier Cercas no livro *O Impostor*, editado pela Companhia das Letras. E o faz com um recurso vigoroso, confrontando no livro sua própria história de pesquisa e investigação.

O Impostor é um romance de não-ficção ou uma ficção de documentário? Não importa a classificação, chamo de uma leitura que questiona e põe a lume a construção da realidade, tão cara ao nosso tempo. Sobretudo porque mexe com outras pedras no meio do caminho. Uma delas é a ética. Contar e tentar compreender um mentiroso, recriar os motivos porque uma inverdade ganhou corpo não é um pouco minimizar um comportamento ignóbil? Javier se sai bem ao construir uma obra de interesse maior que a história em si (ou falsa história) de Marco, criando uma espécie de espelho: o ato próprio de contar um fato com todos os labirintos do que é falso ou verdadeiro. A busca por confrontar pelo passado o que se misturou com verdades – segundo ele, um bom mentiroso justifica algo com pitadas de verdade ao redor. Sobretudo, é um livro que faz eco com outras obras a exemplo do mais conhecido romance de Truman Capote – *A sangue frio* – sobre o assassinato de uma família americana, ou *O adversário*, de Emmanuel Carrère.

De uma forma segura, a leitura do *Impostor* não cansa. Talvez porque Javier Cercas o faça como uma tentativa de romper, para si, seu próprio bloqueio perante uma obra. O livro também trata disso, como escritores, como artistas são confrontados com materiais explosivos, com esse lastro que teima em fugir, porque histórias em que se sustentam pela matéria da memória demanda mais um esforço: o de conseguir pelo outro a confirmação do que houve. Os outros, suas verdades. Seus medos. Ou, no caso de Enric Marco, o que o levou a mentir, o porquê. Matéria para o leitor refletir nisso que é um componente tão móvel e ambíguo: a realidade.

O que inquieta o ser

O premiado escritor Evandro Affonso Ferreira comenta seu novo romance, que mescla a metrópole com a solidão aguda

FOTOS: Divulgação

Vencedor do Jabuti 2013 com o romance “O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam” (2012) e do Prêmio APCA 2012 com “Minha mãe se matou sem dizer adeus” (2011), Evandro Affonso Ferreira tem se destacado como uma das vozes mais inventivas da literatura brasileira contemporânea. É dono de um estilo peculiar, onde a sintaxe e o léxico são tocados por grande vigor criativo.

Em “Os piores dias de minha vida foram todos”, terceiro lugar no Jabuti de 2015, uma mulher aguarda a morte, na clausura de um quarto fúnebre. Seria uma cama de hospital? Atordoada pela espera, sai de forma desviada pelas ruas de São Paulo, enquanto passa em revista sua trajetória de solidão e episódios do passado, num monólogo repleto de evocações à literatura, à filosofia e à mitologia. Mas será que está mesmo flinando pela metrópole? Ou apenas tendo um delírio? Neste novo romance, a exuberância da metrópole se mescla à solidão aguda, num terreno onde as incertezas, mais do que os fatos, desenham os rumos de uma história. A seguir, entrevista com o autor, divulgada pela Record.

A espera da morte, o declínio do corpo, a solidão e a loucura são elementos centrais em seus dois romances anteriores, “Minha mãe se matou sem dizer adeus” (2011) e “O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam” (2012). E retornam em “Os piores dias de minha vida foram todos”. Como esses temas têm se infiltrado em seu processo criativo?

Acho que é o fato de ela a própria morte enviar suas mensagens sorrateiramente: tenho quase setenta [anos], coração escamurengado, safenas a mancheias e cousa e lousa. Deve ser isso. Difícil falar sobre o motivo pelo qual encaminhamos nossos temas – gosto de falar sobre tudo o que inquieta o ser humano: solidão, morte, loucura, decrepitude, tudo isso me inquieta – e muito.

A protagonista-narradora de seu romance espera a morte numa espécie de quarto fúnebre – uma UTI, talvez. O espaço entre a solidão e a morte é um lugar sedutor para o fazer literário?

Para mim, sim, cada escritor usa o instrumento com o qual lida melhor. Sou espécie de niilista lírico. Trabalho com a morte poeticamente, se assim posso dizer.

Enquanto divaga sobre a vida e a morte, sua personagem perambula, ou imagina perambular, pela cidade de São Paulo. Acompanha cenas triviais, ouve diálogos. Isso cria um atrito perturbador entre a iminência da morte e a polifonia das ruas. Como vê esse enlace?

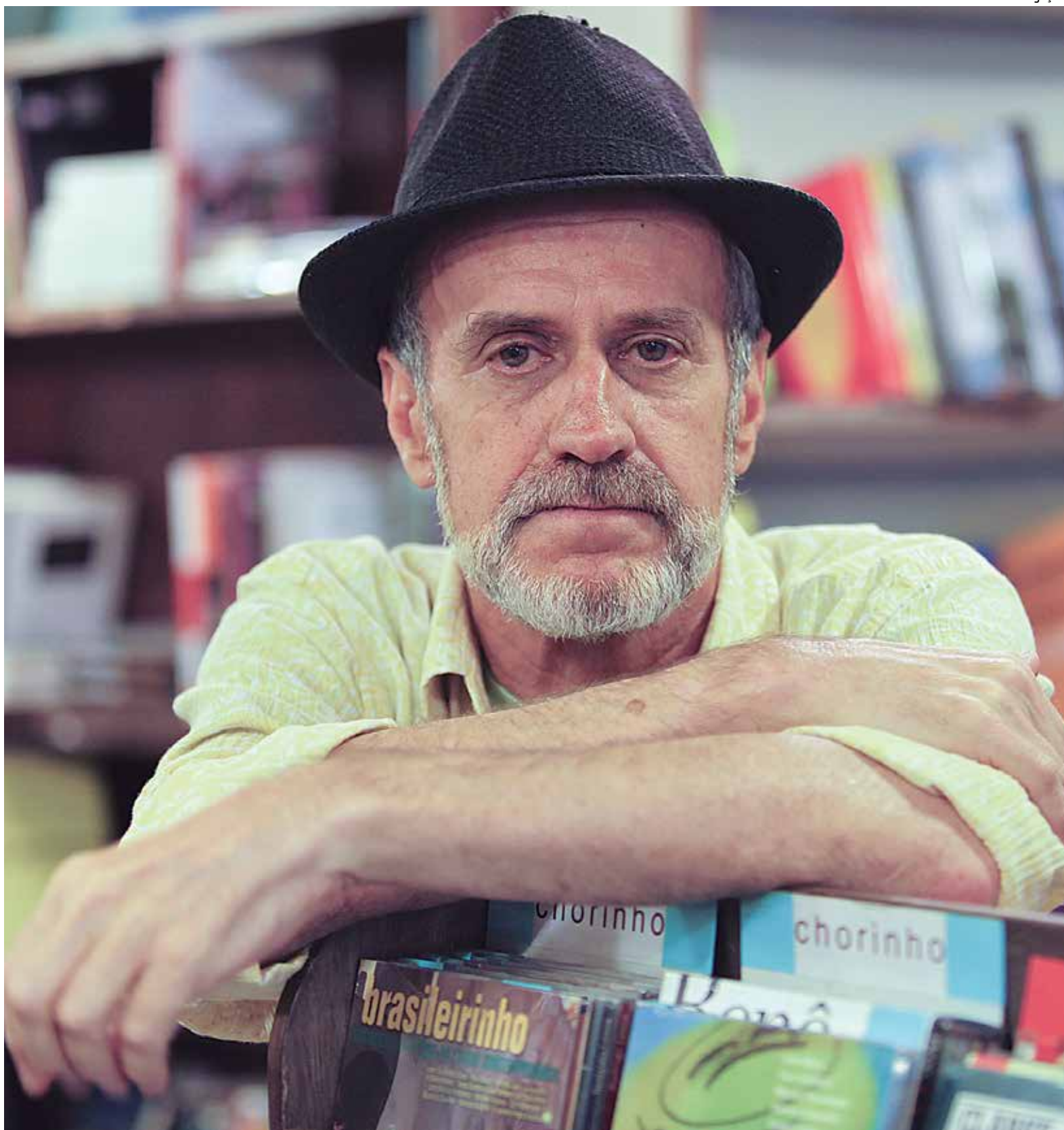
São artimanhas literárias, recursos que uso para dar certo encantamento, surpresa à obra. Ou, quem sabe, jeito que encontro para o livro não ficar pesado demais. Sempre convoco entre aspas parceiros para meus livros. Neste, peço a ajuda de Sófocles. No anterior, Erasmo de Rotterdam. Não consigo escrever um livro sozinho.

Antígona é evocada em diversos trechos deste romance. “Para ela, morrer não é sofrer”, diz um deles. Em vez disso, seria uma “afirmação da vida”. Concorda com essa ideia?

Ah, sei não, sei não. Morrer deve ser muito chato, esquisito, já fiquei muito perto da morte, numa UTI. Tem graça nenhuma. Tudo o que está na Antígona é de uma beleza literária sem igual. Beleza literária – não precisamos necessariamente concordar com tudo.

Há também em seu livro um contraste inusitado entre sua sintaxe e léxico, tão requintados e singulares, e citações de slogans, anúncios de rua, frases colhidas no espaço urbano. O senhor mantém o hábito da flânerie? Como isso alimenta a escrita?

Tenho andado pelas ruas de São Paulo colhendo coisas, vendo coisas. Gosto de lançar mão dele meu olhar, digamos, periscópio. Costumo dizer que minha literatura se divide em duas partes: antes, me preocupava com a



Evandro Affonso Ferreira vem se destacando como uma das vozes mais inventivas da literatura brasileira contemporânea. Abaixo, a capa do livro

vida da palavra; agora, com a morte do homem.

Que indícios da morte vê, circulando pela cidade?

A pressa, a afoiteza, a procura desenfreada pelo dinheiro, sucesso, tudo isso flerta com a morte.

Referências à filosofia e à mitologia são recorrentes em sua obra. Como é o leitor Evandro Affonso Ferreira?

Leio muito sobre muitas coisas. Filosofia, cristianismo, mitologia, dicionários, muitos. Sou leitor de dicionários sobre os assuntos mais variados possíveis. E releio meus sete, oito autores preferidos: Bruno Schulz, Herberto Helder, Cornelio Penna, Samuel Rawet, Almeida Faria, Hermann Broch, Musil etc.

O projeto de seu dicionário particular está ativo? Continua coletando palavras num inventário próprio?

Compilei, ao longo de quase 20 anos, 3 mil palavras sonoras.

O que o senhor chama de ‘palavras sonoras’?

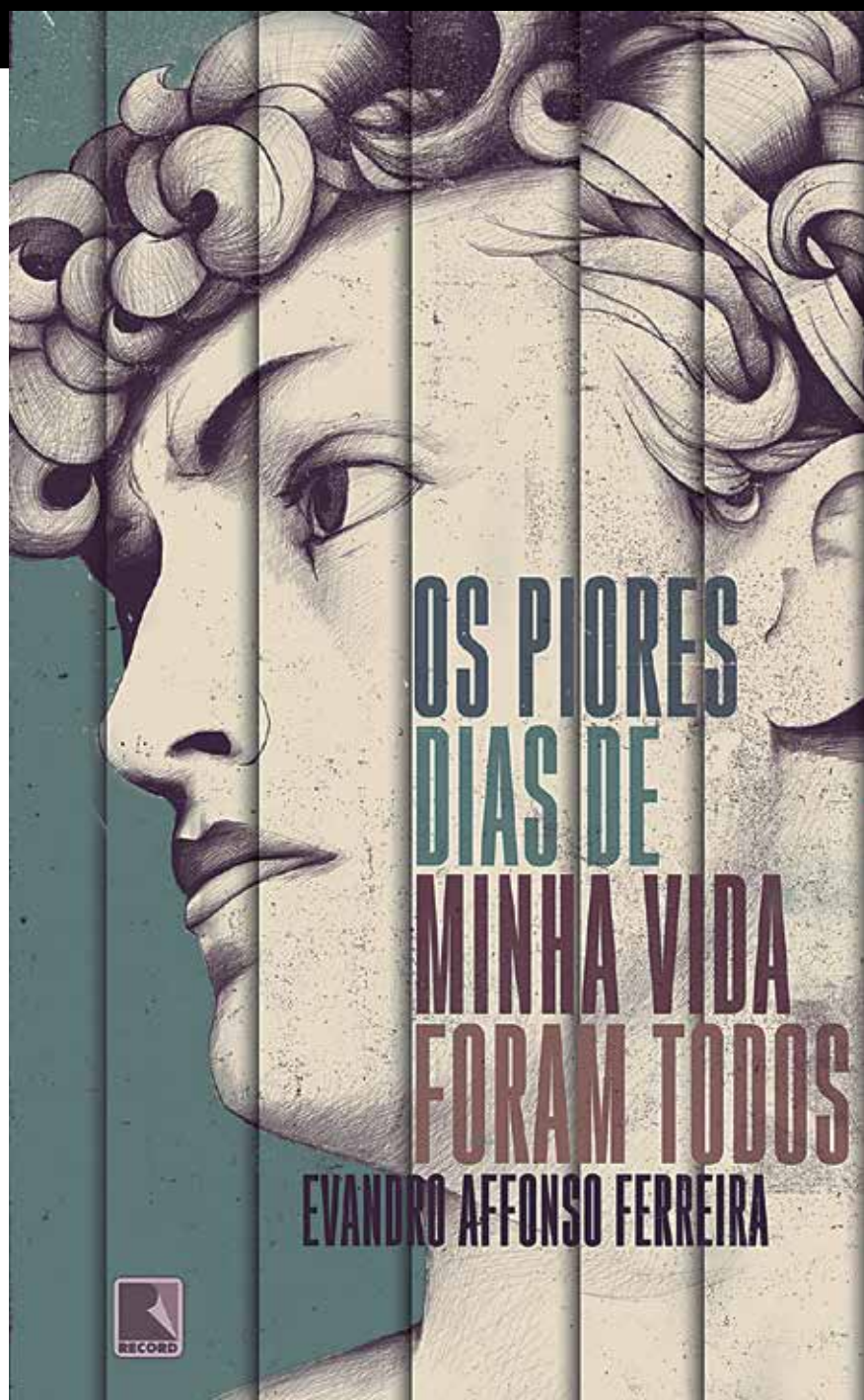
Bangalafumenga, zaratepô, catrâmbias, zoropitô, zuruó... Todas são exemplos de palavras sonoras.

Ganhar prêmios influenciou de alguma forma sua produção?

Absolutamente nada.

O senhor ministra oficinas literárias e, nos anos 90, capitaneou um encontro de escritores que ajudou a incentivar vários talentos. Os autores de hoje estão mais solitários? Falta conagração no mundo literário?

Acho que não mudou muito não. Existe, como sempre existiu, autores solidários e autores solitários.



O mês incompleto de fevereiro

Com menos de 30 dias, mês surgiu no calendário Romano graças a Numa Pompílio, um rei de origem Sabina

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

O nome "Fevereiro" deriva de Februália, um festival de rituais pagãos da antiga Roma, que festejava a purificação e oferecia sacrifício aos mortos, para minimizar-lhes a ira que tinham dos que permaneciam vivos. Este mês de menos de 30 dias surgiu no calendário Romano graças a Numa Pompílio, um rei de origem Sabina, que suprimiu dias de alguns meses, tentando acertar datas que coincidissem com certas posições do Sol. Uma complicação, não é? Mas foi isto o que aconteceu.

Pompílio, que era o segundo rei de Roma e que teria reinado entre 717 e 673 a.C, como todo bom Sabino considerava de mau agouro os números pares. Então, ele removeu um dia dos meses de agosto, abril, junho, julho, setembro e novembro que, na época, ficaram, cada um, com 29 dias. O monarca queria que o calendário cobrisse 12 ciclos da Lua, o bastante para formar um ano de 354 dias, sua grande criação. Mas, como este era um número par, os supersticiosos sacerdotes romanos bateram na cueia e o número foi arredondado para 355 dias.

Confuso e pensando nas guerras que sempre tinha com as nações em redor, Pompílio dividiu esse número em dois novos meses e os colocou no final do calendário. Isto quer dizer que, na época, janeiro e fevereiro, atualmente os meses iniciais do ano, no calendário de Numa eram situados depois de dezembro. Uma confusão, porque redundou em fevereiro, que ganhou apenas 28 dias – um número par. Por que? Seria o último mês do ano, considerado de má sorte, então era bom que acabasse logo. Daí porque ninguém se importava que o mês azarão sumisse rápido, para se iniciar um novo ano.

Mas Numa Pompílio que, ao que parece não era bom em matemática e cálculos lunares, reconheceu ter feito um calendário que não coincidia com as estações do ano – vocês já pensaram em alguém ir veranejar nos Alpes, na época do degelo? -, aí surgiu outra enrolação. Fazer o que? Uma nova reforma. Assim,



O rei de Roma com a ninfeta Egéria, um óleo sobre tela, que se encontra no museu de Condé (França).

fevereiro acabou dividido em 23 dias e mais o resto. Mas, a fim de evitar a falta de sincronia entre o calendário e as estações, ano sim, ano não, esse resto de cinco dias recebia acréscimo de 27 dias. Deu para entender? Se não entendeu, não se preocupe: eu também não.

Mesmo assim, de cálculo em cálculo, o rei chegou a conclusão que os 1.465 dias somados em quatro anos, divididos em quatro partes, dariam 366,25 e, aí sim, teria-se uma aproximação maior do ciclo solar. Tudo bem mas, nesse interregno, entra o dedo da política, pois nem na antiga Roma a política deixava de se meter em tudo. Mandatários que ocupavam altos cargos romanos queriam elaster seus mandatos ou expulsar concorrentes. Esses dias extras acabaram, então, adicionados ao calendário que iria nascer dirigido por pressões da sociedade nobre e não pelos coerentes cálculos matemáticos que conduziram à coincidência das estações do ano. Tudo voltou a ser confusão.

Então, Júlio César, que chegou ao poder em 49. a.C, foi quem pegou a bomba chian-

do, isto é, o calendário de doido do rei Numa Pompílio. Mas, como César passara um tempo no Egito, controlado rigorosamente pelos horários de encontros com Cleópatra, que adotava um calendário anual de 365 dias, teve a ideia de seguir este exemplo e, em 46 a.C. acabou fazendo uma nova reforma no calendário romano. César botou fevereiro de volta para o começo do ano e somou 10 dias ao ano para chegar aos 365 atuais. O mês Quíntilis, passou a se chamar Julius e ganhou um dia a mais, ficando com 31.

Setembro, após essas mudanças, ficou com 30 dias. César também adicionou um dia extra a cada quatro anos para o novo calendário. Surgiu o ano bissexto, que criou um problema: quem veio ao mundo em 29 de fevereiro, como é que faz aniversário quando este mês só conta 28 dias? Taí o que César deixou para a gente, por ter planejado um calendário nos braços de Cleópatra. Legou-nos algumas confusões e esclarecimentos, mas César não conseguiu fazer a previsão do dia em que seria assassinado. Coisa estranha, não é?

Calendários



Dois tipos do calendário de Numa Pompílio (esquerda e centro) e a versão moderna à direita

Calendário de 12 meses
Durava 355 dias
Início 15 março (lua pequena)

- Marzo (31 dias)
- Aprile (29 dias)
- Maggio (31 dias)
- Giugno (29 dias)
- Quintile (31 dias)
- Sestile (29 dias)
- Settembre (29 dias)
- Ottobre (31 giorni)
- Novembre (29 dias)
- Dicembre (29 dias)
- Mercedonio (27 dias)
- Gennaio (29 dias)
- Febbraio (28 dias)

Aconteceu em 29 de fevereiro

- Ernest Laurence, o grande físico alemão, recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1939
- O filme E O Vento Levou ganhou o Oscar em 1940
- A Biblioteca Nacional de Portugal, a maior fonte de documentação do país, recebeu alvará de funcionamento em 1796.
- A serial Killer americana Aileen Wornos, que inspirou o filme Monster, nasceu em 1956.
- O dia 29 de fevereiro ocorre em todos os anos divisíveis por 100 e não divisíveis por 400.
- Na Suécia, o calendário tem 30 em fevereiro. Motivo: abolir o calendário sueco e adotar o juliano nos próximos anos.
- Em 29 de fevereiro também é comemorado o dia das doenças raras, por ser considerado raro.

Deu no Jornal

A coluna destaca as amantes dos ex-presidentes

PÁGINA 26



Gastronomia

Lasanha de frango deve ser decorada com tomate-cereja

PÁGINA 28



OLÁ, LEITOR!

As amantes dos ex-presidentes

São inúmeras as frases que definem o Poder, mas duas delas circulam por aí, sem que mereçam qualquer reparo. A primeira, velha conhecida de todos nós, assegura que "o Poder corrompe". Aliás, Millôr Fernandes costumava acrescentar: "E o Poder absoluto corrompe absolutamente". A frase não comporta mesmo contestação, ainda mais agora com esta série interminável de escândalos que a Lava-Jato lava, mas não limpa.

A outra definição, facilmente comprovada, é a de que "o Poder é afrodisíaco". De fato, quem circula por gabinetes palacianos e/ou parlamentares, seja aqui, em Brasília ou até em Washington, percebe o quanto estes ambientes atraem simpatias e rostos risonhos, embora carentes. É um entra e sai que não acaba mais. Este efeito heliocêntrico, por natural, contamina políticos de todos os matizes e de todas as esferas. Vai de vereador a presidente da República.

Pois é sobre este noticiário recente, envolvendo uma relação extraconjugal entre a jornalista Miriam Dutra e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que vamos hoje focar. Apesar de sempre mal vista, a fofoca é um dos esportes prediletos dos brasileiros, notadamente quando se trata de personalidades públicas. Para não deixar a impressão de que temos alguma coisa contra o sociólogo, aproveitaremos

a ocasião e repassaremos outros casos, igualmente famosos. Casos que envolvem outros ex-presidentes brasileiros e (porque não?) alguns de seus colegas norte-americanos.

A bronca com FHC começou em 1985. O ex-presidente Tancredo Neves estava no hospital e, depois de uma visita ao amigo doente, Fernando Henrique decidiu dar uma esticada na noite. Foi sozinho ao Piantella, bar de grã-fino em Brasília. Ao chegar, deparou-se com uma mesa de jornalistas e foi chamado a sentar-se. Quis o destino que ficasse ao lado da repórter Miriam Dutra, pertencente aos quadros da TV Globo. Um mês depois já estavam namorando. A moça sabia que o então senador era casado, mas não levou isso em conta. Fernando Henrique sabia que estava traindo a mulher, a professora Ruth Cardoso, mas resolveu desconsiderar esse detalhe.

O namoro prosseguiu, a moça engravidou e na sequência resolveu zarpar para Portugal, onde ficou como correspondente da Globo. Segundo Miriam, FHC queria que ela abortasse, mas ela não aceitou e Tomás nasceu. Antes da disputa presidencial de 1994, quando FHC se elegeu presidente pela primeira vez, vários veículos de comunicação investigaram a história do filho extraconjugal do então candidato tucano. Mas nada foi publicado. Somente agora, depois de 30 anos, a jornalista

Miriam Dutra, que foi uma das principais profissionais da televisão brasileira, resolveu quebrar o silêncio em relação a seu caso extraconjugal.

A entrevista é reveladora. Ela conta à repórter Fernanda Sampaio, da revista BrazilcomZ, os bastidores de seu relacionamento com o ex-presidente e as consequências da gravidez de Tomas Dutra Schmidt, que seria filho presumido de FHC – uma história sempre abafada pela imprensa brasileira. Ao falar do famoso exame de DNA, que teria dado resultado negativo, ela diz que foi o próprio FHC quem divulgou: "Ele divulgou! E isso me prejudicou muito. É o estilo dele: fazer tudo sorrateiramente e posar de bom moço". Ela desmente a história de que Fernando Henrique teria decidido assumir o garoto mesmo não sendo seu filho. "O Tomás nunca teve pai, nunca foi reconhecido", afirma. "Se falarem... provem! Porque eu nunca vi nenhum documento. Essa história de que veio aqui em Madri é tudo mentira!".

Mentira ou não, o certo é que Fernando Henrique paga os estudos de Tomás, que já é universitário, e recentemente lhe presenteou com um apartamento em Paris. Mesmo que o exame de DNA tenha dado negativo, FHC desmente Miriam e afirma que a sua relação com o rapaz continua sendo a mesma. Ou seja, de pai pra filho.

FOTOS: Reprodução

Tudo começou com D. Pedro I

É longa a lista de políticos que se metem em aventuras extraconjugais. Aqui e no resto do mundo. No caso do Brasil, talvez se possa dizer que tudo começou ainda no tempo da colônia. O imperador D. Pedro I, casado com dona Leopoldina, desfrutava dos carinhos alternativos de Domitila de Castro Canto e Melo, que dele recebeu o título de "Marquesa de Santos". Teve muitos outros casos e deixou no Rio de Janeiro um monte de filhos, nunca reconhecidos.

A seguir, um breve resumo dos romances proibidos de alguns dos nossos presidentes da República:

Washington Luís

Quatro anos antes de ser deposto pela Revolução de 1930, o presidente Washington Luís teria levado um tiro de uma amante francesa em pleno Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. O caso foi abafado, a imprensa nada registrou, mas nos salões cariocas da época não se falava outra coisa.

Getúlio Vargas

O presidente Getúlio Vargas era fã da maior vedete do Brasil, Virgínia Lane. Ela o conheceu em 1935, ao apresentar-se no Teatro Guaíra, em Porto Alegre. Getúlio disse que gostou dela porque ambos eram baixinhos (ele tinha um metro e sessenta de altura e ela, um metro e meio). O romance, porém, só começou alguns anos depois. E foi ele quem lhe deu o título de "A vedete do Brasil". Virgínia revelou que também teve uma noite ao lado de Juscelino Kubitschek. Entre abril de 1937 e maio de 1938, Getúlio Vargas viveu uma tórrida paixão fora do casamento. No diário que escreveu entre 3 de outubro de 1930 e 27 de setembro de 1942, registrou encontros sem revelar o nome da amada. Especula-se que seria Aimée Sotto Mayor Sá, casada com o gaúcho Luís Simões Lopes, chefe do Gabinete Civil de Getúlio.

Juscelino Kubitschek

Durante quase 18 anos (1958 a 1976), o presidente Juscelino Kubitschek teve um romance secreto com Maria Lúcia Pedrosa. Durante a comemoração de seu 56º aniversário, Juscelino dançou com Lúcia, esposa do deputado José Pedrosa. No último bolero, ele convidou a deslumbrante jovem de 23 anos para um chá no Palácio do Catete. Encontraram-se 12 dias depois. Quando soube do caso, em 1968, José Pedrosa ameaçou matá-los com um revólver. Depois, contou tudo a Sarah Kubitschek, mulher de Juscelino. Pedrosa, porém, foi convencido a conviver com a situação. Ele e Lúcia continuaram vivendo na mesma casa, mas dormiam em quartos separados. Sarah proibiu o marido de ir ao Rio de Janeiro para que ele não encontrasse a amante. Juscelino morreu num acidente de carro na Via Dutra, justamente quando estava indo encontrar-se com Lúcia.

Jânio Quadros

Em entrevista à revista Playboy, em 1987, a apresentadora Hebe Camargo contou que chegou a sofrer assédio do ex-presidente Jânio Quadros em vários telefonemas, durante um longo tempo. De tanta insistência, ela marcou um encontro, mas não apareceu. Com a escritora Adelaide Carraro, foi diferente: o caso se concretizou e durou algum tempo.

João Goulart

Noé, filho de João Goulart, nasceu de uma relação com uma empregada da fazenda de seu pai, que nunca reconheceu. Arrumou empregos públicos, viajava de graça, hospedava-se em bons hotéis e sempre aparecia no palácio para pedir dinheiro. Comentava-se,



FHC e a ex-amante Miriam Dutra

Lula e a toda poderosa Rosemary Noronha:

Getúlio e Virginia Lane, a vedete do Brasil

Jânio Quadros tentou até ter um caso com Hebe Camargo

sutilmente, que João Goulart namorou a vedete Angelita Martinez, a "Rainha das Vedetes" do teatro rebolado de 1958. Muitos anos depois, Goulart, apaixonou-se perdidamente pela jovem uruguaia Eva Deleón Gimenez, com quem ficou até sua morte em 1976;

João Figueiredo

A ex-funcionária do Serviço Nacional de Informações Edine Souza Correa protocolou uma ação contra Figueiredo com o objetivo de provar que o ex-presidente é pai de um de seus 3 filhos, o menino David. Conforme sua versão da história, Edine conheceu Figueiredo na escolinha de equitação do Regimento de Cavalaria de Guarda, em 1971, quando ele era chefe da Casa Militar do presidente Emilio Medici. Trocaram o primeiro beijo durante uma cavalgada pelos cerrados, nas imediações do regimento. E em 1971 tiveram a primeira relação sexual na própria Granja, quando ela tinha 15 anos.

Itamar Franco

No Carnaval de 1994, depois de desfilar pela Viradouro com os seios de fora, a modelo Lilian Ramos entrou no camarote em que estava o presidente Itamar Franco, que estava solteiro. Ela vestia apenas uma camiseta, uma meia-calça transparente e sapatos de salto alto. Quando levantou os braços para sambar, os fotógrafos perceberam que ela estava sem calcinha - e apareceu assim ao lado de Itamar, de dedos entrelaçados e abraçados. No dia seguinte, trocaram 5 telefonemas. A revista Veja descobriu que Lilian ganhava a vida como garota de programa. Depois disso, ela mudou-se para a Itália. Desde 1995, está casada com um italiano e mora em Roma.

Lula

Além da reforma do sítio de Lula e da conclusão de seu triplex à beira-mar, Léo Pinheiro, da OAS, anotou na prisão um terceiro favor concedido ao petista, segundo a revista Veja: calar sua amante, Rosemary Noronha, que ameaçou revelar os esquemas quando se sentiu abandonada. "A gente precisa ajudar o Lula nisso", ouviu Pinheiro de um interlocutor. O que aconteceu então? Logo, João Batista de Oliveira, marido de Rosemary, conseguiu um bom emprego. A ex-secretária teve à disposição uma banca de 38 advogados para defendê-la na Justiça, depois que a Polícia Federal desmantelou a quadrilha que vendia facilidades no governo, aproximando autoridades de empresários em troca de propinas. Rosemary, que chefiava o escritório da Presidência da República em São Paulo e era incluída na comitiva presidencial em viagens internacionais quando a primeira-dama não podia ir, estava no topo da organização.

No exterior é a mesma coisa

Traição conjugal está longe de ser uma particularidade dos presidentes brasileiros. Ao contrário, nos Estados Unidos e na França, por exemplo, os chefes de Estado pulam a cerca até com mais frequência. Vejamos alguns casos:

Bill Clinton

O ex-presidente americano Bill Clinton sofreu impeachment depois que seu caso extraconjugal com a estagiária de 22 anos, Monica Lewinsky, ganhou o noticiário internacional. A esposa, a ex-secretária de Estado Hillary Clinton, permaneceu casada apesar de todas as indiscrições do marido. São muitos os comentários de que o ex-presidente teria traído Hillary com muitas mulheres. O caso com Monica teria sido o affair que ganhou mais visibilidade. Oficiais americanos disseram que eram frequentemente chamados para organizar os encontros e manter os casos extraconjugais do presidente em sigilo.

John Kennedy

O ex-presidente John F. Kennedy teria tido casos com Mary Pinchot Meyer, Marilyn Monroe, Mimi Alfor, Judith Campbell Exner e Blaze Starr; além de uma estagiária e duas jovens assessoras da Casa Branca. Enquanto esteve na presidência, usou o Serviço Secreto para encobrir seus rastros e se certificar de que sua esposa não encontraria nenhuma evidência da traição. Em fevereiro de 2008, jornais revelaram a existência de um filho ilegítimo de JFK encontrado vivo no Canadá, supostamente resultado de um caso com uma mulher no Texas. A criança teria sido concebida em fevereiro de 1961, cerca de um mês depois de JFK assumir a presidência.

Franklin Roosevelt

A esposa de Franklin Roosevelt, Eleanor pediu o divórcio logo após ter descoberto a traição do marido com a secretária Lucy Mercer. Temendo que seu futuro político pudesse ser abalado se o caso se tornasse público, Roosevelt prometeu nunca mais ver a amante. Contudo, os dois continuaram se encontrando até a morte do presidente, quase trinta anos após o início do relacionamento.

François Hollande

Coube à revista Closer revelar que o presidente francês François Hollande mantinha um caso extraconjugal com a atriz Julie Gayet. Segundo a publicação, eles teriam se conhecido em 2011, quando o atual chefe de Estado francês era candidato à Presidência. Ainda de acordo com a revista, o presidente francês desistiu no verão passado de passar um final de semana com a mulher; a jornalista Valéria Trierweiler, para se encontrar com a amante. Hollande reclamou o direito à privacidade e ameaçou processar a revista. Valéria Trierweiler já havia sido amante de François. Os dois mantiveram a relação em segredo enquanto François era casado com Segolène Royal, mãe de seus quatro filhos e ex-candidata à Presidência.

Dwight Eisenhower

Presidente dos Estados Unidos entre 1953 e 1961, Dwight Eisenhower manteve um relacionamento com a modelo britânica Kay Summersby durante a Segunda Guerra Mundial. A traição aconteceu enquanto Eisenhower estava em viagem fora do país, longe de sua esposa Mamie. Em 1945, Eisenhower pediu a permissão do general George Marshall para se divorciar de sua esposa e se casar com Summersby, mas a permissão não foi dada. Summersby escreveu um livro em 1977, (Eisenhower morreu em 1969), em que descreve sua relação com o então presidente.

Thomas Jefferson

O ex-presidente Thomas Jefferson teve um caso com Sally Hemings, uma escrava de sua propriedade, em Monticello, EUA. Jefferson conheceu Sally em Paris e voltou com ela para os Estados Unidos. Eles tiveram cinco filhos, mas apenas um chegou à fase adulta. Jefferson pediu em seu testamento que Hemings e as crianças fossem libertadas da escravidão.

Lyndon Johnson

O secretário de imprensa do ex-presidente Lyndon B. Johnson comentou em uma biografia que o presidente tinha seu próprio "harém de mulheres". O caso com Alice Glass foi um dos únicos affairs públicos do presidente. Johnson teve um filho, Steve, com outra mulher, Madeleine Brown. Ele cuidou financeiramente da amante antes e depois do nascimento do filho. O caso extraconjugal durou 21 anos.

Piadas

Papagaio

A mudança foi toda colocada no caminhão. Um desses de carroceria aberta, abarrotado de móveis e lá em cima de tudo a gaiola com o papagaio. A mudança devia estar mal-arrumada e as ruas eram muito esburacadas. Com o balanço, a gaiola caiu com o papagaio. Desceu todo mundo, acudiram o papagaio e botaram a gaiola lá em cima. Dali a pouco o pobre coitado despenca outra vez. E outra vez. E mais outra, mil tombos. Aí o papagaio, já irritado, no último tombo virou-se para o dono e disse: - Faz o seguinte: me dá aí o endereço que eu vou a pé.

Telefone

A mãe pede ao filho para ligar para o celular do pai avisando a hora do jantar. - E aí, meu filho, o que ele disse? - Mãe, já liguei 3 vezes e sempre quem atende é uma mulher. - Deixa aquele safado! Ele vai ver quando chegar em casa... Mal o pai aparece na frente da casa, ela parte pra cima dele, dá a maior surra no marido. Os vizinhos se aproximam pra ver o que está acontecendo. Ela gritando como louca: - Safado, cafajeste, vagabundo!!! Venha cá meu filho. Fale pra todo mundo o que aquela mulher falou para você ao telefone. O filho, diz: - Ah Mãe, ela disse "O número para o qual você ligou encontra-se desligado ou fora de área."

Hospício

No hospício, o doido sentado num banquinho, segura uma vara de pescar mergulhada num balde de água. O médico passa e pergunta: - O que você está pescando? - Otários, doutor. - Responde o doido - Já pegou algum? - O senhor é o quinto.

Português

O português ganhou um pijama de presente. Gostou tanto que só tira na hora de dormir!

Sudoku e caça-palavras

Sudoku

Preencha os espaços vazios com algarismos de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir nas linhas verticais e horizontais, nem nos quadrados menores (3x3).

9x9 Sudoku grid with some numbers filled in.

9x9 solution grid for the Sudoku puzzle.

Small Sudoku puzzle and logo for COQUETEL.

CAÇA-PALAVRAS

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.



Dia dos Avós

Muitos AVÓS têm papel fundamental na CRIAÇÃO e na EDUCAÇÃO de seus NETOS. Com a vida agitada de hoje, eles assumem a FUNÇÃO de cuidar das CRIANÇAS enquanto os pais trabalham. Em 26 de JULHO, comemora-se o Dia dos Avós. A data coincide com aquela em que se HOMENAGEIA os pais de Maria, Ana e Joaquim, avós de Jesus CRISTO. Ambos sonhavam em ter FILHOS, mas ela não conseguia ENGRAVIDAR. Pediam muito a Deus que lhes concedesse essa GRAÇA. Tempos depois, um ANJO os procurou e anunciou que Ana, mesmo com idade AVANÇADA, teria uma filha. Pela IGREJA Católica, Santa Ana e São JOAQUIM são considerados os PROTETORES dos avós.

Word search grid with letters and hidden words.

Advertisement for Snoopy e sua turma, including a book cover and a solution grid.

Palavras Cruzadas

Horóscopo

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Crossword puzzle grid with clues in Portuguese.

3/ant. 4/dean — door — nude. 5/cromo — mangá. 6/carril. 8/pachorra. 9

Advertisement for Snoopy e sua turma, including a book cover and promotional text.

Solução (Solution) grid for the crossword puzzle.

Áries

A semana começa influenciada pela Lua Cheia no início de Virgem que, no decorrer do dia começa a fazer um tenso aspecto com Marte e pede cuidados redobrados com acidentes e o excesso de agressividade.

Câncer

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a fazer um tenso aspecto com Marte indicando certa tensão mental, que pode levá-lo a um excesso de ansiedade desagradável.

Libra

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia começa a receber um tenso aspecto de Marte deixando você emocionalmente tenso.

Capricórnio

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a receber um tenso aspecto de Marte indicando a possibilidade de dificuldades com um projeto de médio prazo que vem se dedicando, seja ele pessoal ou profissional.

Touro

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a fazer um tenso aspecto com Marte indicando dias de maior assertividade e, até mesmo, agressividade nos relacionamentos.

Leão

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, faz um tenso aspecto com Marte indicando um dia de negociações mais difíceis, com relação ao aumento de seus rendimentos, que podem envolver uma promoção, um novo emprego, ou mesmo um novo projeto ou investimento.

Escorpião

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia começa a receber um tenso aspecto de Marte indicando um dia mais difícil com relação a um trabalho em equipe que você faz parte ou gerencia.

Aquário

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a receber um tenso aspecto de Marte indicando dias de intenso movimento em seus relacionamentos pessoais ou profissionais.

Gêmeos

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a fazer um tenso aspecto com Marte indicando a possibilidade de dificuldades e problemas domésticos ou familiares.

Virgem

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de seu signo que, no decorrer do dia, começa a receber um forte aspecto de Marte indicando um dia mais intenso e com possibilidades de enfrentamento de situações inusitadas e difíceis.

Sagitário

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a receber um tenso aspecto de Marte indicando alguns pequenos problemas e dificuldades relacionadas a um projeto profissional.

Peixes

A semana começa influenciada pela Lua Cheia nos primeiros graus de Virgem que, no decorrer do dia, começa a receber um tenso aspecto de Marte indicando dias de intenso movimento em seus relacionamentos pessoais ou profissionais.

Lasanha de frango

Ao servir essa deliciosa receita decore com nirá, tomate-cereja e salsinha crespa

Ingredientes

- 1 peito de frango médio limpo
- 2 colheres (chá) de sal
- 1 cebola média picada em pedaços pequenos
- 2 dentes de alho amassados
- 2 colheres (sopa) de azeite de oliva
- 2 colheres (sopa) de molho de tomate
- 2 colheres (sopa) de cebolinha-verde picada
- 1 xícara (chá) de molho branco
- 2 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado
- 1 pitada de noz-moscada ralada
- 250g de massa para lasanha pré-cozida
- 100g de presunto cozido em fatias finas
- 100g de queijo mussarela em fatias finas

Para decorar: nirá, tomate-cereja e salsinha crespa

Modo de preparo

Pique o peito de frango em pedaços grandes, coloque em uma panela, cubra com água e junte metade do sal. Tampe e cozinhe por 45 minutos ou até a carne ficar macia. Retire do fogo. Reserve 1 xícara (chá) da água de cozimento e desfie a carne. Reserve. Em uma panela refogue a cebola e o alho no azeite de oliva. Assim que a cebola ficar macia, junte o frango, a água reservada do cozimento, o molho de tomate, a cebolinha-verde e o sal restante. Cozinhe, mexendo de vez em quando, por 25 minutos ou até encorpar. Retire do fogo e reserve.

Misture em uma tigela o molho branco com o parmesão e a noz-moscada. Em uma assadeira (25 cm x 20 cm) monte a lasanha na seguinte ordem: frango, massa, molho branco, presunto e queijo. Mais uma camada de massa, de frango e termine com molho branco. Leve ao forno preaquecido em temperatura média (180°C) por 35 minutos ou até a superfície dourar. Retire do forno.



Arroz integral com salteado de abóbora

Ingredientes

- 1 xícara (chá) de arroz integral lavado e escorrido
- 2 talos de salsaõ cortado em rodela
- 2 colheres (chá) de sal
- 2 colheres (sopa) de azeite de oliva
- 350g abóbora-moranga descascada e picada
- 2 colheres (sopa) de ervas frescas (salsinha, endro, manjeriõ) picadas
- 1 colher (sopa) de sementes de linhaça

Para decorar: alga nori frita



Modo de preparo

Coloque o arroz em uma panela de pressão e cubra com água. Tampe e cozinhe por 20 minutos ou até o arroz ficar macio. Retire do fogo, tire a pressão da panela, abra. Junte o salsaõ e 1 colher (chá) de sal. Volte ao fogo (sem tampar a panela) e cozinhe por 5 minutos. Retire do fogo, despeje em uma peneira e deixe escorrer. Em uma frigideira coloque o azeite de oliva e a abóbora. Leve ao fogo e refogue, salteando de vez em quando, por 10 minutos ou até a abóbora ficar macia (durante o cozimento adicione ½ xícara (chá) de água. Incorpore as ervas e o sal restante. Retire do fogo. Sirva o arroz com o salteado de abóbora. Polvilhe as sementes de linhaça e decore com alga nori frita.

Quiche de queijo de cabra

Ingredientes

- 130g de manteiga
- 260 g de farinha
- ½ colher (chá) de sal
- 60 ml de água gelada
- 2 gemas
- 2 colheres de sopa de zaathar
- 1 xícara (chá) de creme de leite
- 1 xícara (chá) de leite
- 1 xícara (chá) de queijo de cabra
- 1 colher (café) de sal
- 4 ovos
- 3 colheres (sopa) de sálvia picada
- 300 g de tomate cereja

Farinha para polvilhar quanto baste

Modo de preparo

Para a massa

Misture o sal, a farinha, o zaathar e a manteiga com as pontas dos dedos até formar uma farofa. Junte as gemas e aos poucos a água para dar liga. Não mexa muito a massa para que ela não fique elástica. Faça uma bola com a massa e guarde na geladeira por 1 hora. Em uma superfície polvilhada com farinha, abra a massa e cubra uma forma de fundo removível de 28 cm de diâmetro. Faça furinhos na massa com um garfo para que não se formem bolhas, cubra com papel alumínio e feijão e pré-asse a massa por 10 minutos a 180 graus.

Para o recheio

Em uma tigela misture o creme de leite, o leite, os ovos, o queijo de cabra. Tempere com sal, pimenta-do-reino e a sálvia. Coloque sobre a massa e volte ao forno. Deixe o recheio assar até que fique consistente e coloque os tomatinhos em cima e termine de assar.



Coluna do Vinho

Joel Falconi renascente@outlook.com

Um mundo de vinhos à descobrir

É impossível falar de grandes vinhos sem começar pela França. Embora seja sabido que a videira foi levada para além dos Alpes pelas legiões romanas e que os franceses souberam muito bem como imprimir nobreza ao vinho e a viticultura.

Até bem poucos anos, ainda no final da década de 1960, qualquer bebida além de uma garrafa de conhaque ou vermut francês parecia uma excentricidade em qualquer loja italiana especializada no comércio de vinhos. A única exceção era obviamente o insuperável Champagne francês. Hoje, entretanto, até na mais recôndita adega provinciana é possível escolher entre numerosos rótulos de todo o mundo. Em termos quantitativos, a Itália não costuma importar muitas garrafas de vinhos de prestígio. Ainda assim, é possível encontrar um pouco de tudo, o que confirma a curiosidade dos consumidores peninsulares e sua vontade de ampliar o próprio conhecimento sobre o mundo e as realidades e culturas dos demais países produtores.

Sem puxar a brasa para a sardinha dos nossos antepassados dos quais carregamos 50% do sangue das veias; impossível falar de vinhos sem mencionar os Grand Vins da França que até poucos anos, era consenso que o nível dos seus grandes rótulos dificilmente poderiam ser atingidos em outras áreas do mundo. Bordeaux estava no topo da lista; era e é a terra dos grandes tintos Cabernet-Sauvignon, Cabernet-Franc e Merlot. Região onde as empresas produtoras são chamadas de Chateaux ou de Clos quando o castelo propriamente dito e seus vinhedos estão marcados ou limitados por boas cercas; com seus vinhos de preços estonteantes, inspiram grandeza apenas ao serem mencionados. As barriques, os crus, os leilões de vinhos foram inventados em Bordeaux, de onde todo o ano partem rios de tintos diretamente para as maiores adegas do mundo.

Enquanto isso, a Borgonha é totalmente diferente, não existem Chateaux e sim Domaines muitas vezes pequeníssimos trechos de poucas centenas de metros quadrados; de onde saem brancos de uvas Chardonnay e tintos de Pinot-Noir de assombrosa credibilidade em nível mundial. O mais famoso tinto da região é o celebrado Romanée-Conti que já provamos uma única vez. Dizem na Borgonha que é ali onde se pode aprender a distinguir as mil nuances que determinada exposição ao sol e um solo diferente podem dar ao mesmo vinho. Provar os produtos lá mesmo na fonte é um meio de conhecer verdadeiramente o vinho – pelo menos, para paladares já bem experientes, que nada tem a ver com o nosso caso; provamos só uma vez e já faz um bom tempo, o que não nos fornece condições para descrevê-lo; o

que absolutamente nos escusamos a tentar. Seria uma farsa.

Em termos de vinhos, na França tudo é diferente e, para quem gosta de sensações fortes, pode escolher com preços mais convidativos os tintos potentes do Sul do Côte du Rhone resultantes da vinificação de uvas Grenache, Cinsault, Syrah (semelhante aos Nero d'Ávola italianos) todos ricos em frutas e com tons de especiarias. No Vale do Loire existem grandes ofertas, mas os vinhos mais famosos são aqueles a base de Sauvignon-Blanc aparentemente sisudo e com muitos perfumes vegetais. Não vamos falar de Champagne, porque nos últimos três meses tem sido o foco dos nossos modestos escritos. A Alsácia e os seus Gewurztraminers constituem caso a parte que não temos condições de mencionar, considerando fazer muito tempo que não se encontra Gewurz em nosso estreito mercado local. Fica para outra vez...